

Integrando Gêneros: Mulheres e as Novas Pedagogias nas Bandas de Música

Comunicação

GTE 14 – Gênero e sexualidade na Educação Musical

Theresa Feitosa
Universidade Federal da Paraíba
theresafeitosaa@gmail.com

Resumo: Este trabalho discutiu a realidade das bandas de música no tocante à presença feminina. O texto é resultado de uma pesquisa de graduação, a qual se configurou como um estudo multicaso, antecedido por estudos exploratórios e descritivos através de entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres instrumentistas como coleta de dados. Neste artigo, trazemos uma abordagem integrada à educação nas bandas de música, através de um diálogo entre bell hooks (2017) e a pedagogia de Paulo Freire (1987). A mostra das informações coletadas foi categorizada como a última etapa desse trabalho, pois conhecemos vivências, vínculos afetivos, peculiaridades e subjetividades das musicistas. Esses resultados também nos direcionaram para uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados por mulheres musicistas, ressaltando a necessidade de novas propostas pedagógicas para esses espaços.

Palavras-chave: Bandas de Música; Gênero; Pedagogias feministas.

Introdução

Desde o seu surgimento, as bandas de música têm sido uma das mais sólidas e presentes instituições de prática musical no Brasil. E, assim como um espaço que promove a aprendizagem de uma linguagem musical, as bandas de música também se configuram como cenários de estímulo ao pensamento e à reflexão coletiva. Em vista disso, esse trabalho discute a presença feminina nas bandas de música no Brasil. Marcos Moreira (2013) destacou que a liderança destes grupos instrumentais, na sua quase totalidade, centrou-se na figura masculina durante séculos. Logo, por muito tempo, as atividades desempenhadas por mulheres nas bandas de música, quando haviam, “estavam ligadas a trabalhos administrativos e a limpeza do

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

lugar onde os ensaios e reuniões eram realizados” (Moreira, 2013). Ao passo que a presença feminina, nessas corporações, define um avanço no meio musical, se faz necessário a inclusão de novas propostas pedagógicas de integração entre gênero, a fim de potencializar esses espaços musicais.

Para esse fim, a presente pesquisa tem como ponto de partida reflexões da própria autora sobre sua trajetória músico-formativa, do qual suas experiências como mulher e trompetista natural de bandas de música foram significativas para a pesquisa.

Lidar com um espaço no qual eu era a única mulher trompetista sempre foi motivo para me questionar se eu realmente deveria estar ali. E, ao passo que isso me desanimava muitas vezes e me colocava em um estado de competitividade e de não reconhecimento com outras mulheres trompetistas, aquilo também me dava forças para continuar no meu processo (Alves, 2021, p. 25).

A fala reflete as dinâmicas de gênero que permeiam o ambiente musical, particularmente para mulheres em instrumentos tradicionalmente dominados por homens, como o trompete. No entanto, sua resiliência emerge dessa adversidade, no qual essa dualidade de sentimentos – desânimo e empoderamentos, também atuam como um agente catalisador do compromisso para com o próprio desenvolvimento e persistência na carreira musical. E foi, a fim de repensar esses espaços e discutir as novas pedagogias no ambiente de bandas de música, que adentramos nas questões de gênero e discutimos possibilidades a partir da revisão das teorias feministas, bem como da leitura de trabalhos sobre bandas de música. As propostas foram pensadas através de trabalhos como bell hooks (2017) e Paulo Freire (1987) no que se refere às questões da educação e feminismos.

Em diálogo com as experiências mencionadas, nosso problema de pesquisa está em: *como repensar os espaços de bandas de música a partir das pedagogias feministas?* Os questionamentos que serviram como embasamentos para a construção das seções foram: O ambiente das bandas de música tem sido um espaço para novas reflexões e adoção de novas pedagogias feministas? Em que os professores e as professoras integrantes das bandas de

música têm contribuído para essa discussão? De que maneira as bandas de música têm contribuído para que essas mulheres resistam ao sistema estrutural?

Pedagogias Feministas na Perspectiva Freiriana

Essas pedagogias fazem parte de um “conjunto de teorias e práticas educativas e de aprendizado que propiciam a conscientização dos(as) educandos(as) quanto às condições de opressão em que vivem” (Sardenberg, 2011, p.19). Integrando as chamadas “pedagogias críticas ou “pedagogias libertadoras”, estes elementos ressoam em Paulo Freire (1987), uma vez que o autor propõe uma educação dialógica, em uma sociedade cuja dinâmica estrutural nos conduz à uma “pedagogia das classes dominantes” (Freire, 1987).

A abordagem de que a educação deve ser um ato de liberdade, conversa diretamente com as pedagogias feministas, que também promovem uma educação emancipatória e crítica. Kathleen Weiler (1991) destaca que, para Freire, “a humanização é a meta da libertação e que, ainda não foi nem pode ser alcançada enquanto os opressores oprimem os oprimidos¹” (WEILER, 1991, p. 452). Dessa maneira, esse processo requer uma transformação radical nas estruturas sociais e educacionais, reconhecendo os sujeitos como ativos em seu processo de libertação.

Bell hooks (2017), menciona Paulo Freire como grande influenciador em suas pesquisas, pois as dificuldades de tornar os espaços educacionais em locais que transgridem fronteiras são parte do seu processo formativo e de des(construção) enquanto mulher negra e educadora. E que, embora a autora trate sobre os espaços formais de ensino, os argumentos e preocupações por ela expostos podem ser aplicados em diferentes níveis formativos. Uma das propostas apresentadas é de que os pensadores e pensadoras dispostos a mudar as práticas de ensino conversem entre si, colaborem com uma discussão que transponha fronteiras e crie um espaço para intervenção (hooks, 1994).

¹ “For Freire, humanization is the goal of liberation; it has not yet been achieved, nor can it be achieved so long as the oppressors oppress the oppressed” (Weiler, 1991, p. 452).

A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que incluía uma consciência de raça, do sexo e da classe social, tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a classe de aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não sejam represadas. Em boa parte dos meus escritos sobre pedagogia, sobretudo em salas de aula de grande diversidade, falei sobre a necessidade de examinar criticamente o modo como nós, professores, conceituamos como deve ser o espaço de aprendizado (hooks, 2017, p. 56).

Nessa direção, Paulo Freire (1967) sintetiza o pensamento central do que foi posto acerca da urgência de reconsiderar as práticas pedagógicas “O homem existe – existire – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 1967, p. 54). Quanto à discussão do feminismo e do sexismo [...] “me senti incluída em *Pedagogia do Oprimido*, um dos primeiros livros de Freire que li, muito mais do que me senti incluída “*em minha experiência de pessoa negra de origem rural*” nos primeiros livros feministas que li [...] (hooks, 2017, p. 73, grifo da autora).

“Se as mulheres forem críticas, terão que aceitar nossa contribuição como homens” (Freire, 1921, p. 188 *apud* hooks, 2017, p. 80). Podemos dizer que, em resposta a essa crítica e muitas outras semelhantes a ela, não é possível pensar espaços mais inclusivos sem a integração de gênero. Como as mulheres, os homens também foram educados com base em um sistema sexista. “E se eles não precisam culpar a si mesmos por aceitarem o sexismo, precisam, por outro lado, aceitar que são responsáveis pela sua eliminação” (hooks, 2017, p. 118).

Hooks (2017) diz que em nenhum momento deixou de estar “consciente sobre o sexismo” presente na linguagem de Paulo Freire, assim como sua percepção “falocêntrica” na qual o conceito de liberdade está intrinsecamente ligada a uma cultura patriarcal. Apesar deste construto estrutural, há de se compreender que existem outros pontos de vista em sua própria obra, nos quais é notório seu valor.

Ao propor a construção de uma comunidade pedagógica, a autora diz que “todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos” (hooks, 2017, p. 175), no qual o processo de criação estará sujeito a críticas e questionamentos.

Procedimentos Metodológicos: Abordagem, Método e Técnicas

Optamos pela abordagem da pesquisa qualitativa, utilizando elementos de natureza exploratória. Empregamos procedimentos como observações e entrevistas semiestruturadas com mulheres instrumentistas de bandas de música, visando compreender mais profundamente as vivências das colaboradoras. Para alcançar esse objetivo, nos aliamos ao método de estudo de multicaso proposto por Gil (2008) e Yin (2015) da pesquisa descritiva elucidada por Leite (2015).

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado em que foram explorados aspectos da formação musical, de como elas lidam com a disparidade entre homens e mulheres nas corporações e também sobre os desafios de ser musicista. Selecionamos cinco mulheres localizadas em diferentes estados brasileiros e que fossem integrantes de distintas corporações como bandas militares e filarmônicas. Preferimos não caracterizar detalhadamente as participantes da pesquisa em termos de aspectos pessoais, como nome e idade, em vez disso, utilizamos pseudônimos, instrumentação, estado e cidade para referenciar o leitor.

Mulheres em Bandas de Música

Cheryl Jackson (2015) em sua pesquisa *Mulheres como líderes de bandas universitárias 1850-1980*, fala que ‘a disparidade ainda existente entre o número de mulheres e homens maestros de bandas universitárias está atribuída à história e a cultura ao longo dos anos, que perpetuam o estereótipo das mulheres em suas escolhas e ocupações musicais’ (Jackson, 2015, p. 119). E, embora a autora se atenha a um espaço profissional e formalizado estadunidense percebemos que a estrutura social dominação está presente em todos os territórios musicais.

Gould (2004) retrata que o sistema educacional de música estadunidense fundamentou-se a partir da segregação de gênero e raça por décadas. A autora afirma que os homens brancos constituem uma grande maioria entre as diretorias de bandas em todos os níveis e aponta para o fato de menos de 10% no nível pós-secundário serem compostos por mulheres. Retomando a esfera nacional, Moreira (2013) destaca também que a participação feminina nas bandas de música esteve condicionada a conflitos dos países europeus e que foi apenas na década de 30 que foi notada a presença feminina nas bandas.

Em 1930, viu-se a integração das mulheres nas bandas como membros regulares, e com a perda de homens para o esforço de guerra, as mulheres foram ainda mais incentivadas a preencher as fileiras, embora nunca fossem vistas em grande número (Moreira, 2013). Isto veio num momento em que as bandas estavam tendo um recrutamento. Assim, em certo sentido, a aceitação das mulheres. “A admissão das mulheres nas bandas de elite encontrou resistência, já que havia uma abundância de pessoal do sexo masculino ansioso para ter um lugar nessas organizações” (Scott, 1970 *apud* Moreira, 2013, p. 42).

Embora a desorganização arquivista não nos aponte para uma data exata em que as mulheres começaram nas bandas de música, é possível perceber um “hiato temporal” entre as primeiras formações compostas apenas por homens e o dado momento em que a figura feminina passou a ganhar destaque, aproximadamente no final da década de 1960 (Moreira, 2013). Em sua pesquisa, realizada com 91 bandas nordestinas brasileiras, o autor nos alerta para a disparidade entre os números, sendo um total de 662 mulheres, enquanto 2.597 eram homens. No tocante aos instrumentos que eram apropriados para mulheres, ele ressalta a tendência para instrumentos ainda tidos como femininos em muitas bandas (Moreira, 2013). Quase sempre, esses instrumentos estão voltados para o naipe das madeiras. Notamos que a maior procura, no Brasil, foi do clarinete, saxofone e flauta. Instrumentos como o trompete, trombone e a tuba, embora aparentemente não seja comum entre as mulheres, de acordo com a pesquisa, encontram-se numa crescente procura. (Moreira, 2013, p. 231).

A partir destas considerações sobre a inserção das mulheres nas bandas de música e a análise histórica das dinâmicas de gênero nesses espaços, traremos exemplos desse embate enfrentados por mulheres nas bandas de música.

Explorando os desafios das dinâmicas de gênero nas bandas de música.

Nesta seção, discutimos as diferenças entre homens e mulheres que tocam em bandas de música, com foco nos preconceitos e desigualdades enfrentados pelas mulheres nesses espaços. Dessa maneira, a seguir, estruturamos serão apresentados esses enunciados e exemplos de falas das entrevistas que os evidenciam.

Existe uma diferença entre homens e mulheres que tocam em bandas de música?

Um das principais perguntas que esse trabalho buscou abordar foram sobre os preconceitos e diferenças que atingem as mulheres nas bandas de música. Vimos que todas as entrevistadas confirmaram ter sofrido algum desconforto em razão das disparidades de gênero presentes nessas corporações. “Você tem que provar que toca e que toca legal” (Carla, 2021). Em acordo com essa fala, a trombonista e regente diz que “nas bandas de música, aqui da região, sempre percebi os olhares desconfiados, os olhares duvidosos, tipo assim: será que vai dar conta? Será que toca mesmo? (Francisca, 2021). As falas nos atentam para um dos problemas que muitas instrumentistas estão sujeitas a vivenciar nas bandas de música

Os comentários sempre estão voltados às capacidades das instrumentistas e perguntas como “*será que toca mesmo?*”. Tornam a se repetir independente da classificação instrumental que estão envolvidas, mesmo que, aparentemente, na cultura ocidental, alguns instrumentos sejam mais indicados para mulheres. Rosana, trompetista e atualmente cabo músico do exército brasileiro relatou não ter sido vítima somente de comentários como Será que é manhosa? Será que é só beleza ou toca mesmo? [...] não quero ter aula com mulher não, eu não aceito que mulher me dê aulas, principalmente de instrumento (Rosana, 2021).

Muito embora esses recortes tratem de comentários feitos por homens, músicos e membros das bandas de música, também identificamos aspectos de rivalidade enraizados nas próprias mulheres.

o que eu vejo, assim, o fato de não ter mulher é porque, geralmente, mulher quer tocar saxofone. Mas por que quer? Não, porque é mais bonito, porque é mais fácil. O maestro diz logo, né? É o mais fácil. [...] e a mulher... não, eu quero uma flauta que é um negócio mais delicado. [G]eralmente, mulher, assim, num é todas, mas, mais da maioria, pelo menos em Sumé é fresca (Rosana, 2021).

Mais uma vez a visão polissêmica da mulher enquanto um ser frágil é ressaltada. Rosana (2021) nos leva a entender que os estereótipos estão intrínsecos até mesmo na escolha dos instrumentos. No qual, o saxofone, é tido como um instrumento mais apropriado para uma mulher, enquanto o trompete, o trombone, a tuba e a percussão não são os mais indicados, pois apresentam um maior grau de dificuldade.

Mulheres não ocupam lugares de poder nas bandas de música?

Rosana (2021) afirma que no seu início como trompetista também espantou-se com a falta de representatividade de mulheres no naipe: “Eu nunca vi isso aqui, então, não é natural” (Rosana, 2021). Da mesma forma, em outras posições de poder, a liderança das corporações bandistas sempre foi responsabilidade masculina Moreira (2013). Mesmo com avanço e ingresso das mulheres nas bandas de música como membros oficiais das corporações, ocupar cargos de poder como regência e/ou presidência ainda são considerados tabus. Nesse contexto, Carla, saxofonista e regente de bandas no interior do Ceará tratou sobre os desafios de ser líder nas bandas de música.

eu dizia nem que era regente da banda, não, é porque o outro rapaz não podia vir e eu estava substituindo. [Q]uando eu saí com a banda pro meio da rua, com a banda marchando, com a banda tocando parado e tudo mais, que as pessoas da cidade viram... oxente, e agora é uma mulher que fica a frente da banda? E pode? Isso tá certo? (Carla, 2021).

Ela falou de momentos em que negou exercer a função de maestrina na banda de música devido ter passado por situações nas quais o seu nome era esquecido e até mesmo substituído. Hoje ela relata que sua atuação como saxofonista e regente é normalizada e que, isso se deu após os resultados do seu trabalho ao longo dos anos: “só mudava a pessoa, que ele era um homem e eu era uma mulher” (Carla, 2021).

O desafio de equilibrar a vida familiar e afetiva com a carreira musical

Quando questionadas se haviam tido complicações familiares em decorrência da carreira como musicista, as entrevistadas, principalmente as nordestinas, relataram ainda hoje sofrer com essa dupla jornada. Em resposta à dificuldade de conciliar demais funções com a carreira musical, chamamos atenção a fala: “onde tem mulher, homem não trabalha” (Rosana, 2021). A fala acima representa a realidade de uma das nossas colaboradoras, na qual destaca que seus estudos musicais vinham depois de concluído os afazeres domésticos.

Anna (2021), com mais de 40 anos de música e 27 anos de bandas de música, chama atenção para os inúmeros preconceitos que vivenciou durante sua trajetória nas bandas civis e filarmônicas da sua cidade. Além disso, ela também fala sobre a dificuldade que sentiu em conciliar com suas relações e obrigações domésticas: “ah, porque você só trabalha com homens, tá boa de tu sair desse emprego. E eu olhava assim e fazia: meus Deus, sair de uma coisa minha? Imagina, isso me doía, sabe? Eu preferi deixar o marido” (Anna, 2021).

Durante a entrevista, ela abre as portas da sua intimidade para falar sobre o dilema com seu ex-marido. Ela diz que um dos motivos pelo qual não deu seguimento ao seu casamento foi devido outras amigas musicistas terem largado suas profissões por causa dos seus maridos e hoje se encontram infelizes com suas escolhas. Como fruto desse primeiro

casamento, ela engravidou e, junto da gravidez outras dificuldades foram apresentadas, como as de adaptar a carreira musical à maternidade.

minha menina penou pra caramba, visse? Porque ela foi pra hotelzinho (creche) com três anos de idade, vivia em hotelzinho. Estudava de manhã, deixava ela de 7:00hr da manhã e pegava ela de 5:00 a 6:00hr da noite, entendesse? Porque muitas vezes e ia tocar, a banda tava na ativa e a gente ia fazer apresentações durante, sabe? Finais de semana também. E quantas vezes eu num já levei ela comigo... (Anna, 2021).

Sobre essa jornada dupla, nossa outra entrevistada fala que, hoje, se ainda estivesse na casa dos seus pais, mesmo a música sendo sua fonte de renda, ela teria que cumprir com as obrigações domésticas de limpar e zelar pela casa: “É aquele negócio: mulher da casa. Então primeiro você faz as obrigações da casa, arruma a casa, faz café, faz almoço e todas as suas obrigações. Depois, o tempo que sobrar, você se vira, mesmo que isso seja sua profissão” (Rosana). Assim, vemos que muitas adversidades não partem, necessariamente, de membros da corporação, mas sim, de pessoas externas, como é o caso dos familiares, amigos ou cônjuges.

mas aí o que eu digo, a questão da família também às vezes atrapalha. Então a cultura da família, né? Porque tem pais que: —ah, num quero minha filha tocando no meio de homemll. Já tem outros que é o contrário, leva sua filha pra participar, mas tem uns que não quer, entendesse? Ai fica a briga entre pai e mãe... (Anna, 2021).

Existe um estranhamento do público ao ver mulheres nas bandas de música

Carla fala sobre o processo de aceitação da sociedade ao ver uma mulher liderando a corporação, citando dois desafios: “primeiro você conquista os da banda, pra depois conquistar os de fora” (Carla, 2021). O estranhamento do público ao ver mulheres liderando as bandas de música é mais um dos reflexos de um sistema estrutural em defasagem. E as bandas de música por serem consideradas um dos espaços musicais de fácil acesso, são vistas como exemplo de um contexto social.

Um dos pontos levantados Rosana, na fala “eu nunca vi isso aqui, então não é natural” não restringe essa problemática apenas a falta representatividade feminina nesses espaços

musicais, mas a algo que antecede a isso. Ela questiona o papel das bandas de música em uma reeducação social, em que essas corporações conversam diretamente com o seu contexto local sobre música, mulheres e, sobretudo, feminismo. Quando a maioria relata ter ingressado em bandas nas quais mais da metade eram compostas por homens, elas manifestam um incômodo pela falta de comunicação das bandas, sobretudo, as escolares. Elas acreditam que o diálogo com a comunidade externa e leiga é de grande importância para uma mudança de cenário.

Representatividade

pra ir mulher pra as bandas de música, assim, tem que ter a mobilização nas bandas de música, mas pra ir mulher pra as bandas de música, estudar música, principalmente assim, instrumentos de metais, tem que existir o fora, né? A mobilização fora. Então eu acho que mais pessoas têm que ter esse acesso, né? Assim, de saber que existem mulheres já, que tocam e tocam bem. A gente que tá em contato com música, a gente acha que as pessoas lá fora que não tem contato com música sabe disso que a gente sabe, mas não sabe (Rosana, 2021)

A representatividade feminina tanto nas bandas de música como fora dela são portas de entradas para uma nova geração de músicos. Uma das colaboradoras, diz que no seu começo musical “não tinha mulher, não. Só era um “monte de rapaizim”, criançada, tudo era menino. E depois de mim, o povo: Eita! Tem uma menina que “tá” indo aprender música, aí começaram a aparecer uma, outra” (Carla, 2021). Percebe-se que além do grande desejo de tocar um instrumento, o fato de ter uma mulher à frente como membro da corporação, conta muito para o ingresso de mais estudantes meninos, e, sobretudo, meninas.

saber que nós estamos inseridas nesses ambientes, mesmo que eles sejam majoritariamente masculinos, dá uma visão diferente do todo, né? Às vezes quem toma essas decisões são só homens, quando a gente pode ter uma visão diferente de uma mulher nessas conversas (MARIA, 2021).

O ingresso das mulheres nas bandas de música no final do século XIX tem modificado o ambiente das bandas de música como um todo. Maria, fala que, no seu trabalho como professora em uma banda marcial da sua cidade, sua turma é composta por sete meninas

trompetistas, enquanto tem apenas um menino trompetista. Ela conta que em todos os seus anos de bandas de música nunca conviveu em um espaço tão saudável no qual a presença feminina não afetava no pensamento das crianças e que seus alunos sentiam que podiam confiar na professora, por enxergarem nela uma profissional aberta ao diálogo.

eu acredito que hoje por eu tá a frente disso e ter mais consciência do que antigamente eu tinha, eu posso dar um incentivo maior pra elas, um acolhimento maior. E eu vejo que eles se sentem muito à vontade tanto as mulheres quanto os meninos se sentem à vontade de estarem estudando comigo, e eu tento fazer com que o ambiente não seja aquele mesmo ambiente masculino que a gente tinha (Maria, 2021).

A naturalização das mulheres nas corporações tem trazido, cada vez mais, benefícios. Pode-se dizer que as mulheres têm rompido com as tradições de uma cultura na qual somente homens tinham acesso às bandas de música (Moreira, 2013).

Conclusão

O presente artigo apresentou uma discussão sobre as novas pedagogias feministas, acompanhadas do ponto de vista de cinco mulheres musicistas de bandas de música, sobre as dinâmicas de gênero observadas ao longo da sua carreira musical. O material coletado e sua análise foram apresentados em quatro enunciados: Existe uma diferença entre homens e mulheres que tocam em bandas de música?; Mulheres não ocupam lugares de poder nas bandas de música?; O desafio de equilibrar a vida familiar e afetiva com a carreira musical; O desafio de equilibrar a vida familiar e afetiva com a carreira musical; Existe um estranhamento do público ao ver mulheres nas bandas de música; Representatividade.

Essas entrevistas mostram que a tradição que limita o acesso das mulheres nas bandas de música tem se rompido progressivamente, e que isso é decorrência dos movimentos de representatividade feminina advindos com as novas pedagogias feministas. Não só no que diz respeito às dicotomias de gênero dentro do nicho musical das bandas, as fundamentações teóricas nos induzem a uma análise do cotidiano acerca do lugar feminino independentemente

de estarem vinculados ao fazer artístico. Assim, este trabalho além de discorrer sobre aspectos importantes do feminino nas bandas de música apresenta uma gama de perspectivas futuras, como a criação de espaços que repensem e apliquem essas pedagogias dentro dos espaços de bandas de música, tais o rompimento do silêncio nesses espaços e uma possível extensão de trabalhos acadêmicos que tratem sobre o assunto em outras corporações.

As considerações finais deste artigo ressaltam a importância de integrar as experiências das mulheres em bandas de música e pedagogias feministas, a fim de criar ambientes educacionais mais equitativos (Alves, 2021, p. 11). A pedagogia feminista, ao buscar libertar homens e mulheres das amarras das ideologias de gênero, ressoa profundamente com a proposta freiriana de uma educação dialógica. A interseção entre essas pedagogias oferece uma base sólida para transformar as práticas nas bandas de música, promovendo espaços que não apenas reconhecem, repensam as estruturas de poder. Por fim, a realização deste estudo também reforça o compromisso em continuar atuando como uma defensora ativa dessas causas no cenário musical brasileiro.

Referências

ALVES, Theresa D. *Mulheres em bandas de música: uma pedagogia feminista*. Monografia (graduação) Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2021.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 75 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOULD, Elizabeth S. 2004. *Nomadic turns: Epistemology, experience, and women university band directors*. *Philosophy of Music Education Review*. In press, 2004.

HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. *O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libanio. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JACKSON, Cheryl. *Women as leaders of collegiate bands, 1850-1980*. In: *College Music Symposium*. College Music Society, 1998. p. 118-125.

LEITE, Francisco Tarciso. *Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

MOREIRA, Marcos. *Mulheres em Bandas de Música: uma visão do nordeste do Brasil ao norte de Portugal*. Rio de Janeiro: Publit, 2017.

SARDENBERG, Cecília. *Considerações introdutórias às pedagogias feministas. Ensino e Gênero: perspectivas transversais*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM): Salvador, p. 17-32, 2011.

SCOTT, Jack L. *The Evolution of the Brass Band and its Repertoire in Northern England*, Ph.D. thesis, University of Sheffield, 1970, p. 441, as cited in Bands , p. 30-31.

WEILER, Kathleen. *Freire and a feminist pedagogy of difference*. *Harvard educational review*, v. 61, n. 4, p. 449-475, 1991.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.